

**DISCURSO DO VELHO MAJOR DE A REVOLUÇÃO DOS BICHOS
ANALISADO EM DOIS ÂNGULOS: LITERÁRIO E FÍLMICO
CONSIDERED OLD MAJOR OF ANIMAL FARM SPEECH TWO
ANGLES: LITERARY AND FILMIC**

LAMBRECHT, Luana Aparecida¹
SANTANA, Eridiane L.²
MIKUSKA, Edenilson Przybyszewski³

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar o discurso do porco Velho Major, da obra literária *A Revolução dos bichos* (1945), de George Orwell, e compará-la à cena do discurso da adaptação cinematográfica de John Stphenson de 1999, com o roteiro de Alan Jones e Martyn Burke. Em nossa análise, levaremos em conta os recursos específicos que o cinema utiliza, como: os ângulos de filmagem, os movimentos da câmara, a iluminação, o cenário e os fenômenos sonoros. Na obra, narra-se alguns acontecimentos ocorridos na fazenda Granja do Solar, onde os animais rebelaram-se e criaram suas próprias regras para livrarem-se dos maus tratos do tenebroso Sr. Jones. Para fundamentar tal estudo, recorreremos à teoria de Marcel Martin (2005).

Palavras-chave: A revolução dos Bichos. Comparação. Adaptação cinematográfica.

ABSTRACT: This study aims to analyze the speech of the Old pig Major, the literary work *Animal Farm* (1945) George Orwell, and compare it to speech scene of the film adaptation of John Stphenson 1999 with the script Alan Jones and Burke Martyn. In our analysis, we will take into account the specificic features that the film uses as the camera angles, camera shake, lighting, scenery and sound phenomena. In the work, narrates some events on the farm Grange Manor, where the animals to rebel and created their own rules to get rid of ill-treatment of dark Mr. Jones. To support such a study, we will use the Marcel Martin's theory (2005).

Keywords: Animal Farm. Comparison. Film adaptation.

¹Acadêmica do 5º período do curso de Licenciatura em Letras na Faculdades Secal. luanalambrechtr@gmail.com

²Acadêmica do 5º período do curso de Licenciatura em Letras na Faculdades Secal. Estudante. eridianesantana@hotmail.com

³Mestre em Linguagem, Identidade e Subjetividade. Professor do curso de Licenciatura em Letras na Faculdade Secal. mikuskaep@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Cinema e a Literatura são dois sistemas semióticos distintos⁴. No cinema trabalha-se com a imagem e, na literatura, com as palavras e a imaginação do leitor. Na cinematografia há as inevitáveis condensações, e o filme torna-se mais curto em relação ao livro de que foi adaptado. Ainda que o diretor ou o roteirista queiram ser fiéis ao texto original, a adaptação cria uma outra expectativa, já que na obra literária o leitor precisa imaginar as cenas, as personagens, o espaço, tornando-se a história muito mais rica em detalhes minuciosos e que, no filme, não são tão expostos. Contudo, na obra fílmica há uma particularidade: ela é baseada em imagens, sons e cores, elementos reunidos e que, por meio do movimento, despertam emoções e ilusão de realidade em uma outra dimensão no espectador.

Exploraremos os recursos específicos que a arte cinematográfica utiliza, como: o papel da câmara em sua função de registro da realidade fílmica (os ângulos de filmagem e a movimentação da câmara); os elementos fílmicos não específicos, denominados assim por serem usados em outras artes, como no teatro (a iluminação e o cenário) e os elementos sonoros, que dão mais realidade à cena causando comoção nos espectadores (sons e ruídos). Para este fim, o referencial teórico utilizado é Marcel Martin⁵.

Diante disso, entre as peculiaridades de cada técnica, este trabalho analisa comparativamente o discurso do Velho Major do romance de George Orwell, *A Revolução dos bichos* (1945), em relação ao filme homônimo de John Stephenson, de 1999.

2. A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

O Sr. Jones, um homem insensível, cruento e alcoólatra, era dono da fazenda Granja do Solar e, como tal, explorava o trabalho animal em seu benefício. Em troca de serviços prestados, pagava-os com alimentação, que nem sempre era boa e suficiente. Cansados com a exploração, os animais reuniram-se, liderados pelo

⁴ARANTES Olga. Cinema e Literatura: dois sistemas semióticos distintos. São Paulo, ano 5, n.10, p.42-49.

⁵MARTIN, Marcel. A Linguagem Cinematográfica. Lisboa Portugal: Dinalivro, 2005.

porco Velho Major, para expulsar o proprietário tomando posse da propriedade, criando assim suas próprias leis: os mandamentos do animalismo.

A Revolução dos bichos é uma tradução para *Animal Farm*, escrita por Eric Arthur Blair, mais conhecido pelo pseudônimo de George Orwell. A primeira edição foi publicada em 1945. O filme foi lançado em 1999, sob direção de John Stephenson e roteirizada por Alan Jones e Martyn Burke, nos Estados Unidos. É classificada no gênero drama e tem duração de 91 min.

O filme começa com a técnica literária *In Ultimas Res*, em que a narrativa inicia-se pelo final, com uma introdução narrada pela cadela Jessie, apresentando a fazenda Granja do Solar, seu proprietário, o fazendeiro Sr. Jones e alguns animais da trama, como o cavalo Boxer, a égua Molli e o corvo Moisés. Aos sete minutos, acontece uma movimentação entre os animais da fazenda, ao anoitecer, depois que Sr. Jones, havia entrado em sua casa. Os animais encontraram-se no celeiro, após durante o dia correr um boato de que o porco Velho Major desejava contar um sonho que tivera. Os bichos foram acomodando-se e, passando a impressão de respeito, prestam continência.

O Velho Major inicia seu discurso fazendo uma reflexão sobre a natureza da vida animal, convencendo-os de que o único causador dos problemas que enfrentavam seria o Homem. “Eis camarada, a resposta a todos os nossos problemas. Resume-se em uma só palavra – O Homem⁶”.

No filme, para dar início à sua exposição oral, o porco ocupa uma espécie de estrado, acima de outros animais. O plano utilizado na filmagem é o contrapicado. Segundo Martin⁷, ocorre quando o assunto é fotografado de baixo para cima, passando a impressão de superioridade, de triunfo, engrandecendo o indivíduo em relação aos demais. Já no plano picado, as personagens são vistos de cima para baixo, o que tende tornar o indivíduo ainda menor, reduzindo-o moralmente. Na obra escrita tem-se a impressão de grandiosidade pelas descrições que o autor utiliza ao apresentá-lo para o leitor: “Com doze anos de idade, já bem corpulento, era ainda

⁶ORWELL, George. *A Revolução dos Bichos*. São Paulo: Globo, 2004, p. 08.

⁷MARTIN, Marcel. *A Linguagem Cinematográfica*. Lisboa Portugal: Dinalivro, 2005, p. 51.

um porco majestoso, com um ar sábio e benevolente a despeito de suas presas terem sido cortadas⁸.

Durante sua fala, a câmara faz uma espécie de exploração do espaço, uma panorâmica descritiva, mostrando todos os animais atentos ali presentes. Temos essa visão quando, no livro, o narrador descreve alguns deles que ali entravam, aconchegando-se: “Os outros animais chegavam e punham-se a cômodo, cada qual a seu modo⁹”.

A iluminação tem um papel fundamental na obra. De acordo com o teórico Martin, “a iluminação constitui um fator decisivo da criação da expressividade da imagem. A noite é um símbolo do drama. Uso da sombra, um poderoso fator de angústia devido à ameaça do desconhecido¹⁰.” Temos na obra literária a descrição em que o porco inicia seu discurso em sua cama de palha, sob um lampião que pendia na viga¹¹. Na adaptação, percebe-se a iluminação em três pontos: a luz principal clareando o rosto do porco, dando ênfase a sua figura, favorecendo-o e, outras luzes secundárias, iluminando a parte lateral e posterior do animal, dando contorno e moldando-o, deixando-o mais visível. Cria-se uma impressão de profundidade espacial, assim como cria uma atmosfera emocional.¹²

O filme faz uma reconstituição do espaço, o cenário é o interior de um celeiro, onde acontece a reunião, dando autenticidade à história. Para Martin, esta concepção, de modo geral, é denominada realista: “O cenário não tem outra implicação a não ser sua própria materialidade, significando apenas aquilo que é¹³”.

Quando os animais começam a cantar a canção “Bichos da Inglaterra”, chamam atenção do Sr. Jones, que vai checar a movimentação, achando que eram raposas incomodando os animais. Jones dispara um tiro (que, na obra escrita, se dá em direção da parede do celeiro) e dispersa o grupo: “O chumbo foi cravar-se na parede do celeiro, e a reunião dispersou-se num abrir e fechar de olhos¹⁴”.

Já no filme, na cena em que ocorre o disparo, há uma modificação dos fatos, pois no livro é relatado que o porco morreria três noites após a reunião, durante o

⁸ORWELL, George. Op. cit., p. 05.

⁹ORWELL, George. A Revolução dos Bichos. São Paulo: Globo, 2004, p.06.

¹⁰MARTIN, Marcel. A Linguagem Cinematográfica. Lisboa Portugal: Dinalivro, 2005, p. 71.

¹¹ORWELL, George. Op. cit., p. 05.

¹²MARTIN, Marcel. Op.cit., p.72.

¹³MARTIN, Marcel. Op. cit., p. 79.

¹⁴ORWELL, George. Op.cit., p.14.

sono. Na adaptação fílmica, o Velho Major leva o tiro, caindo morto de cima do estrado. Aqui ressaltamos os fenômenos sonoros, dando ainda mais realidade aos fatos. Ao levar o disparo da arma de fogo, o porco solta um grunhido, dando emoção à cena, pois é um ruído de sofrimento. Ao cair de cima do estrado é possível ouvir o barulho que o porco faz ao tocar o chão. Dá-se, então, uma justaposição imagem-som, pois é usada em câmara lenta. Sobre o uso de recursos sonoros, Martin esclarece que “os ruídos podem ser utilizados, em primeiro lugar, de maneira realista, quer dizer, conforme a realidade¹⁵”.

3. CONCLUSÃO

As leituras e os filmes manipulam o agir e o pensar das pessoas. Ao comparar as obras, sabendo-se das particularidades de cada expressão, sendo literária e fílmica, no qual o livro é minucioso e exige um pouco mais dos leitores, como, senso crítico e imaginação, enquanto o filme traz uma outra percepção, sendo visual, sonora e é mais aceita pelo público. Conclui-se que na adaptação fílmica, o diretor mostrou-se fiel a história e não perdeu a essência do romance de George Orwell, ainda que tenha tido que promover as adaptações necessárias à linguagem cinematográfica.

REFERÊNCIAS

A REVOLUÇÃO dos Bichos. Direção de John Stphenson. Roteiro: Alan Jones e Martin Burke. EUA: Hallmark Entertainment e Tnt Presents, 1999. (91 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2ygQBkmMfqY>>. Acesso em: 15 set. 2016.

ARANTES, Olga. **Cinema e Literatura: dois sistemas semióticos distintos**. São Paulo, ano 5, n. 10.

MARTIN, Marcel. A Linguagem Cinematográfica. In: MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. Lisboa Portugal: Dinalivro, 2005.

ORWELL, George. A Revolução dos Bichos. In: ORWEELL, George. **A Revolução dos Bichos**. São Paulo: Globo, 2004.

¹⁵MARTIN, Marcel. A Linguagem Cinematográfica. Lisboa Portugal: Dinalivro, 2005. p.147.